

“GEORGE”: A ERRÂNCIA EM BUSCA DA LIBERDADE

Renata Quintella de OLIVEIRA*

- **RESUMO:** Esse trabalho propõe fazer uma breve análise do conto “George”, da ficcionista portuguesa contemporânea Maria Judite de Carvalho. Esse texto está inserido no último livro publicado em vida pela escritora: *Seta despedida* (1995). Pretendemos focalizar uma questão que parece fundamental nesse conto: a identidade, que constitui-se, aqui, fragmentada, descentrada, verdadeira “celebração móvel”, como afirma Stuart Hall, ao abordar a identidade do sujeito pós-moderno. A partir desse tema central, surgem outros, igualmente importantes na análise e compreensão do conto citado, como a dissolução de posições cristalizadas atribuídas aos gêneros (George, termo ambíguo, aparentemente masculino, constitui o nome de uma personagem feminina que protagoniza o conto), a trajetória da personagem, que emblematiza a sociedade do simulacro e caracteriza-se pela constante deriva, e fuga interminável de um sujeito que erra pelo mundo e pelo interior de si mesmo.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Ficção portuguesa contemporânea. Identidade. *Seta despedida*. Maria Judite de Carvalho.

Considerações iniciais

Maria Judite de Carvalho inicia sua carreira literária com a publicação de *Tanta gente, Mariana* (1959) e a encerra com a publicação da coletânea de contos de que estamos tratando neste trabalho: *Seta despedida* (1995). Porém, outras duas obras da escritora foram publicadas após sua morte, em 1998: *A flor que havia na água parada* (uma coletânea de poemas) e *Havemos de rir?* (uma peça teatral).

É comum afirmar que Maria Judite de Carvalho foi e ainda é uma escritora quase ou praticamente desconhecida do público. Entretanto, paradoxalmente, a escritora obteve considerável sucesso na crítica, recebendo diversos prêmios por vários de seus escritos. Dentre as obras premiadas, encontram-se: *As palavras poupadas* (1961), Prêmio Camilo Castelo Branco, da S.P.A.; *Este tempo* (1991), Prêmio da Crônica A.P.E.; *Seta despedida* (1995), Prêmio da Associação

* UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Departamento de Letras Vernáculas. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21941-917 – renataquintella@bol.com.br

Internacional de Críticos Literários, Prêmio Pen-Clube, Prêmio Revista *Máxima*, Prêmio da A.P.E.; Prêmio Vergílio Ferreira, atribuído ao conjunto da sua obra.

A obra de Maria Judite de Carvalho é constituída basicamente por novelas, contos e crônicas, ocorrendo frequentemente uma interpenetração entre esses gêneros, sendo difícil, desta forma, sua delimitação. Em sua obra encontramos textos que possuem características simultaneamente de crônica e conto, por exemplo. A escritora publicou uma infinidade de crônicas em jornais e revistas, tendo sido algumas delas reunidas e publicadas em livros, mas a grande maioria ainda não foi recolhida. A crônica foi, portanto, o gênero predileto de Maria Judite de Carvalho. Foi com a crônica que a escritora iniciou sua carreira e a influência deste gênero nas suas outras formas de ficção é bem evidente, como se pode notar em *Seta despedida*.

A preferência por essa forma breve alia-se perfeitamente à temática que permeia a obra da escritora. É um lugar comum, em sua ficção, a temática da consciência da efemeridade da vida, o mistério da passagem do tempo, a vida como antecipação da morte. Outro tema central na obra de Maria Judite de Carvalho é a solidão. Segundo Esteves (1999, p. 2), este tema, presente em toda a obra da escritora, pode ser detectado de diferentes maneiras, correlacionadas às vivências das personagens, tais como:

[...] a casa onde se mora (muitas vezes em quartos alugados ou casas subalugadas já mobiladas), é a paisagem urbana, é o ar irrespirável, é o corpo/ invólucro no qual o coração não metaforiza os sentimentos, mas onde é apenas um órgão fisiológico que se cansa com o decorrer dos anos.

Ainda segundo Esteves (1999), o foco do texto de Maria Judite de Carvalho é sempre o mundo interior. A ficção juditeana tem um forte caráter intimista. Há narrativas em primeira e terceira pessoas, mas neste último caso há a interrupção constante do monólogo interior.

O crítico afirma ainda que a escrita de Maria Judite de Carvalho possui uma aparente simplicidade. Porém, tal simplicidade traduz-se como perturbadora. A linguagem econômica, sugestiva, marcada por extrema contenção, metaforizando “gritos abafados” e “lágrimas represas”, mostra, de forma lúcida, uma visão do ser humano “sem qualquer laivo de paixão”. Através dessa linguagem “simples” e contida, a escrita de Maria Judite de Carvalho consegue desvelar a inquietação íntima por que passa o homem do século XX, tendo que viver em uma sociedade que tem a tendência a apagar sua existência como sujeito.

Os contos de *Seta despedida* são, segundo Esteves (1999, p. 5), “[...] simples incidentes do cotidiano, com significado humano, que suporta o desenrolar da ação, muito próximos do registro da crônica.” Nesses textos, os personagens enfrentam frequentemente situações sem saída, mergulhadas muitas vezes em

profunda alienação, de forma quase mórbida. Diante da impossibilidade de reversão do quadro em que se encontram, as personagens vivenciam uma existência desencantada, resignada e atarácica. Essa impossibilidade de recomeço leva os personagens a experienciarem uma espécie de “morte em vida”, buscando por vezes alguma espécie de fuga real ou imaginada, seja através do suicídio, seja através da própria imaginação ou do sonho.

Porém, na visão de Esteves, a sobrevivência da escrita de Maria Judite de Carvalho não se revela “apocalíptica”, mas representa, em certa medida, uma visão de esperança. Apesar de os personagens vivenciarem melancolicamente a impossibilidade de vencer o tempo e o destino inexorável, a própria obra de Maria Judite de Carvalho o consegue: existindo como escritura, a obra vence o próprio tempo, ludibriando o destino e a própria morte, insistindo em permanecer viva. A obra surge, desta forma, como o grito que permanecia apenas murmúrio. Desta forma há, segundo Esteves (1999), o entrever de uma alegria.

“George” e a questão da(s) identidade(s)

Ao iniciarmos a leitura do conto “George” percebemos, logo nas primeiras linhas, um elemento que causa estranhamento: a descrição dos vestidos daquelas que, a princípio, seriam duas personagens: “Trazem ambas vestidos claros, amplos, e a aragem empurra-os de leve, um deles para o lado direito de quem vai, o outro para o lado direito de quem vem, ambos na mesma direção, naturalmente.” (CARVALHO, 1995, p. 32).

O trecho transcrito nos remete à imagem do espelho, já que os dois sujeitos que caminham têm seus vestidos empurrados em sentido contrário, mas “ambos na mesma direção, naturalmente”, como uma imagem refletida em espelho. A partir da leitura desse trecho e de tal reflexão, sugere-se a possibilidade de tratar-se de uma só pessoa e não duas como se havia imaginado antes.

A questão, portanto, que nos parece ser a principal deste conto, (mas não a única) é a fragmentação da representação unitária da identidade, já que a personagem George dialoga com seu passado e com seu futuro personificados em Gi e Georgina, respectivamente. Diversos críticos, como o já citado Stuart Hall (2006, p. 12), apontaram para uma compreensão da identidade como algo complexo e fragmentado: “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.”

Gi, essa suposta “outra” pessoa com quem George se encontra, revela-se como alguém mais jovem. A descrição de Gi apresenta-se extremamente difusa: faltam-lhe contornos precisos. Ora, se considerarmos Gi uma outra figuração de George, essa descrição imprecisa poderia ser explicada como o resgate pela memória, já que esta sempre recupera fatos de forma difusa. George estaria, então, travando um

diálogo com o seu passado, através da mediação da memória, que o resgata sem precisão. Gi seria quem George foi um dia e quer esquecer.

Para complexificar ainda mais esta questão, surge na narrativa Georgina. Agora, mais velha que George, em oposição à Gi, Georgina passa a aconselhar a artista plástica renomada. A narrativa dá diversos indícios de que se trata, de fato, de um desdobramento do próprio sujeito que finge ser outro, ao projetar-se, agora no futuro.

À maneira de Fernando Pessoa, Maria Judite de Carvalho constrói um ser disperso, sem unidade aparente. George aparece multifacetada e, tentando compreender-se, trava um intenso diálogo (ou monólogo?) consigo própria. O narrador apresenta ao leitor o que se passa no espaço interior de George: o confronto incessante entre esses diferentes “eus”. Tentando compreender e esquecer o que foi, George dialoga com Gi, jovem de 18 anos e ainda ingênua e inexperiente em relação às decisões importantes da vida. Tentando visualizar seu futuro, George dialoga com Georgina, senhora de quase 70 anos, já vivida, experiente e fisicamente decrépita, que não é, contudo, quem George quer ser.

Nesta busca incessante e permanente, a personagem George procura uma explicação que confira sentido à sua existência interior. Terá encontrado? Ou julga ter encontrado pelo fato de ser bem sucedida, artística e financeiramente?

Apesar das visíveis rupturas com o modelo de narrativas tradicionais, uma questão constante em “George” e que se mantém desde os tempos de Camões, é a febre de Além. Na narrativa de Maria Judite de Carvalho, essa questão apresenta-se amalgamada com outra, esta sim, atual e transgressora: a quebra de valores destinados à mulher. Conforme Magalhães (1994, p. 189), durante o período das grandes navegações, “[...] estabeleceu-se uma distinção entre a cosmovisão feminina e a masculina: os homens partiam e as mulheres ficavam.” A ruptura desse padrão ocorre em “George”, no momento em que a protagonista do conto deseja abandonar a sua terra e os padrões patriarcais referentes ao seu lugar de origem: “Já não sabe, não quer saber, quando saiu da vila e partiu à descoberta da cidade grande, onde, dizia-se lá em casa, as mulheres se perdem. Mais tarde partiu por além terra, por além mar.” (CARVALHO, 1995, p. 33).

Contradizendo o condicionamento das mulheres, estabelecido durante o período áureo do povo português, Gi abandona seu lar e seus costumes, rompendo com o paradigma inerente à cultura portuguesa até meados do século XX. A saída da personagem de sua terra natal revela um desejo voraz de além, de liberdade e de reconfiguração identitária: “Fez-se loiros os cabelos, de todos os loiros, um dia ruivos por cansaço de si, mais tarde castanhos, loiros de novo, esverdeados, nunca escuros, quase pretos, como dantes eram.” (CARVALHO, 1995, p. 33-34).

A personagem vê sua versão mais jovem de forma esfumada, como quem se recusa a enxergar sua origem, e, mais tarde, vê sua versão futura (a senhora experiente que dá conselhos) e se irrita quando esta sugere que sua visão de

liberdade lhe trará solidão. Para remediar esta situação, a personagem abriga-se, por hora, em pensamentos e em determinadas certezas que só poderão vir a ser desconstruídas com a maturidade.

Ao se deparar com seu passado, aos dezoito anos, George descobre uma jovem fechada em um local enraizado, no qual o tempo parara e o acesso ao conhecimento desejado jamais chegaria. A casa dos pais e a vila circunscrevem os anseios de Gi ao casamento, à maternidade e ao exercício da pintura como distração: “E eles acham que eu tenho muito jeitinho, que hei-de um dia ser uma boa senhora da vila, uma esposa exemplar, uma mãe perfeita, tudo isso com muito jeito para o desenho. Até posso fazer retrato das crianças quando tiver tempo [...]” (CARVALHO, 1995, p. 37).

Dessa forma, Gi seria respeitada na casa (espaço privado) e na vila (espaço público) e reproduziria o modelo feminino imposto pela sociedade na qual nascera. As relações de poder estabelecidas, nos espaços pertencentes à jovem Gi, são, para George, um profundo aprisionamento. A protagonista não é incluída ou ela mesma se exclui do modelo predeterminado.

A busca de George: a febre de além

Por não aceitar os espaços designados para Gi, George resolveu partir. Em busca de uma identidade, o sujeito da narrativa torna-se transgressor, rompe com as antigas relações, transforma sua aparência e habita novos espaços. Ao abandonar a sua raiz – a casa na vila – George cria asas e, ao não desejar criar vínculos, aluga casas com mobília (novo espaço privado) e adota o estilo de vida da cidade grande (novo espaço público).

Na cidade, a personagem se desenvolve cultural e economicamente. Torna-se uma profissional das artes: a pintura, que seria um *hobby* para Gi, transforma-se em profissão para George. Ela ganha o mundo, ao viajar para vários países. A relação de submissão, na casa dos pais e na vila, é substituída por uma relação de poder absoluto sobre si.

Nesse novo espaço público e privado, a estabilidade do sujeito não depende do casamento ou dos filhos que a completarão como mulher. A possibilidade de completude se baseia nas várias experiências amorosas e realizações profissionais. O respeito adquirido não se associa ao seu caráter como exímia dona de casa, mas como alguém que multiplicou seu capital através do próprio trabalho.

No encontro com Georgina, a narrativa propõe uma reflexão a respeito da efemeridade do poder em uma sociedade excludente. De acordo com a futura versão de George, a casa mobiliada e a cidade grande não lhe farão sentido em sua velhice. Sua capacidade de produção não será mais a mesma e ela será excluída do jogo de interesses. Através da fala de Georgina, a narrativa nos deixa a seguinte questão: nessa constante troca de espaços, de valores e de ausência de determinados

conhecimentos, chegará George a algum lugar?: “E, se for um pouco sensata, ou se souber olhar em volta, descobrirá que este mundo já não lhe pertence, é dos outros, dos que julgam que Baden Powell é um tipo que toca guitarra e que Levi Strauss é uma marca de calças.” (CARVALHO, 1995, p. 32).

A vontade da personagem é o motor que impulsiona todas as suas conquistas, principalmente, a ânsia de liberdade. Por isso, George, ao optar pela não criação de laços afetivos permanentes, não quer se prender a móveis e família. Dessa forma, estará sempre pronta a partir.

Há, inclusive, uma incerteza quanto à sexualidade da personagem, que assumiu um pseudônimo ambíguo (masculino/feminino), tanto que não se sabe se “o último dos seus amores” é um homem ou uma mulher: “[...] Vai morar com o último dos seus amores.” (CARVALHO, 1995, p. 44).

Além disso, o nome George não é um nome próprio típico de Portugal. Uma família portuguesa tradicional não nomearia um de seus membros por George, o que reafirma a negação de uma identidade originária e o desejo de ser outro. Observa-se, assim, uma diluição de fronteiras antes demarcadas, no que diz respeito às questões de gênero, à temporalidade (passado, presente, futuro) e aos níveis do real e do imaginário, presentes no espaço textual.

O aparente diálogo apresenta-se, ao longo do conto, ora em itálico, representando a voz do imaginário (Gi/Georgina). “– *Ninguém ouve ninguém, não sabes? Que pretendeste com a vida, mulher?*” (CARVALHO, 1995, p. 38, grifo do autor), ora em redondo, representando a voz situada no real (George). Tais recursos gráficos possibilitam ao leitor uma interpretação mais precisa, no que se refere à distinção das “vozes” das possíveis personagens.

A refugiada e a “exclusão inclusiva”

Segundo Buescu (2008, p. 229), a personagem protagonista é uma verdadeira “refugiada”, pois é praticamente forçada a viver em constante processo de fuga da realidade inelutável na qual se encontra imersa. Aachamos pertinente concordar com Buescu, no momento em que ela interpreta esse processo de fuga da personagem George como uma “reafirmação da regra que conduziu à exclusão”. Ao tentar viver sem apego a pessoas, lugares e coisas, morando em casas alugadas e mobiladas e tendo romances passageiros (mesmo os que julga definitivos), a personagem não conquista, em verdade, a sua liberdade; vivencia, de fato, a condição de banimento característica do *homo sacer*, a “exclusão inclusiva”, que a força a viver “fora” mesmo “dentro”. Nada pode chamar de seu, nem ao menos o seu nome, questão que já discutimos previamente nesta seção, pois George é o pseudônimo de pintora, não o nome que lhe conferiria de fato uma identidade real:

De novo, muito pouco sabemos sobre George – que o seu nome é, ambivalentemente, um nome masculino que só depois compreendemos corresponder ao pseudônimo da pintora cujo brevíssimo regresso à sua cidade natal seguimos, para vender a casa. [...] Assim, por um lado, não sabemos (e nunca nos é explicitamente dito) qual o verdadeiro nome que foi negado e se oculta debaixo deste nome masculino e estrangeiro – apenas sabemos estar ele ligado a uma vontade de partida de um espaço enclausurado, a vila limitada, o país fechado, os pais fechados também. [...] O nome dos refugiados é isso mesmo, apenas a sinalização do seu estado de banimento, não uma identidade (que o seu estatuto de refugiados aliás torna impossível). Uma condição de não-integração. (BUESCU, 2008, p. 229-231).

Desta forma, George está, como afirma Buescu (2008), em constante condição de não-integração. Não se prende à família, amigos, lugares e objetos que poderiam lhe trazer lembranças, dores de consciência de perda. Mas não se prende porque não pode. Não há regresso possível para esta *mulier sacra*, condenada para sempre ao “não lugar”, vivendo, como afirma mais uma vez a crítica citada, “fora do espaço” e também “fora do tempo”, pois nega o seu passado e o seu futuro, mas vive em um presente que, no fim, não lhe trará conforto, satisfação e plenitude.

A vida de George é, portanto, para Buescu (pautada, como sabemos, nas reflexões de Agamben), uma “vida nua”, porque é nulificada no mais alto grau. Afinal, se George não é Gi nem Georgina, quem ela é? Buescu (2008, p. 232) afirma, também, que George vive, portanto, um permanente “estado de exceção” (mais um termo agambiano):

George vive então em permanente estado de exceção, que o próprio estatuto de refugiada pressupõe: sem nome próprio, apenas um nome profissional; sem casa nem coisas nem amigos, nada que seja verdadeiramente seu, que a prenda a um lugar e a uma gente; sem um verdadeiro passado – que é aquele que se sabe ter sido vivido, mas justamente como passado. Ora, George não “enterrou” o passado: a sua fuga é, no fundo, a mesma que teve início no momento em que saiu da sua vila natal, apenas em círculos mais largos.

A reconfiguração identitária: o ser melancólico

Segundo Faria (2002, p. 9-10), o conto “George”, ao revisitar um dos eixos paradigmáticos da ficção portuguesa – o partir e o ficar – “[...] inscreve a errância de um sujeito pelo mundo, capaz de viajar por dentro de si mesmo, em tempos e espaços diferenciados, desdobrando-se e dispersando-se naquela que foi, aos 18 anos (‘Gi’) e naquela que jamais gostaria de ser (‘a velha Georgina’).”

O tempo, como vimos, é fragmentado e superposto (passado, presente e futuro se interceptam), mas também o é o espaço (espaço interior e exterior se mesclam). Os espaços externos são apresentados de forma extremamente significativa, já que, ao encontrar Gi, George está numa rua (espaço de trânsito) e, quando se defronta com Georgina, a personagem está num comboio (igualmente um espaço de trânsito). Tais espaços conectam-se perfeitamente à temática apresentada no conto, já que a personagem é uma eterna errante: parte para chegar a algum lugar, com o único intuito de, depois, novamente partir. Não se contenta com a vida começada na vila onde nascera e busca novos espaços onde, entretanto, não assenta morada permanente. O espaço de “George” é, justamente, o de um sujeito errante, que não quer se prender, quer se sentir livre. Faria (2002, p. 10) salienta que “[...] esse ser itinerante [George] rompe com o vínculo e com a tradição, cria a sua própria história e deliberadamente não quer criar raízes.”

Apesar de o comportamento da personagem ser, como já vimos, uma quebra do vínculo com a tradição, um rompimento de barreiras estabelecidas secularmente, especialmente para as mulheres, George revela-se, momentaneamente, como afirma ainda Faria (2002, p. 10), “[...] um ser melancólico e fragilizado emocionalmente, instável no teatro do mundo, envolvido com vários amores que se sucedem, com ‘uma lágrima no olho direito, enquanto o outro, que esquisito, sempre se recusa a chorar’.” Desta forma, vemos que George busca (sabemos que inutilmente) “[...] auto iludir-se e diluir, euforicamente, a melancolia que poderia vir a se apoderar dela.” (FARIA, 2002, p. 11). Quando, na conversa com o seu outro eu, a velha Georgina é tomada momentaneamente pela melancolia, “George fecha os olhos com força e deixa-se embalar por pensamentos mais agradáveis, bem-vindos: a exposição que vai fazer, aquele quadro que vendeu muito bem o mês passado, a próxima viagem aos Estados Unidos, o dinheiro que pôs no banco.” (CARVALHO, 1995, p. 43). Porém, como salienta Faria (2002, p. 11), esta personagem é apenas alguém que “[...] parece superar a ideia de perda, defendendo-se contra a melancolia, buscando sair de seu calabouço e encontrar a chave, julgando vivenciar o triunfo da alegria e denegando o luto.”

OLIVEIRA, R. Q. “George”: the wandering to liberty. *Itinerários*, Araraquara, n. 42, p. 195-203, jan./jun. 2016.

■ **ABSTRACT:** *This work proposes a brief analysis of the short story “George”, by the Portuguese contemporary writer Maria Judite de Carvalho. This text is inserted in the last book published by the author in life: Seta despedida (1995). We intend to focus on an issue that seems important in this story: the identity, which appears here fragmented, decentered, a true “mobile celebration”, as stated by Stuart Hall, when addressed to the identity of the postmodern subject. From this central theme others emerge, equally*

important to the analysis and understanding of the story: the dissolution of crystallized positions assigned to genres (George, ambiguous word, apparently male, is the name of the female character who leads the story), the trajectory of the character, which symbolizes the society of the simulacrum and is characterized by the constant drift and endless escape of an individual who wanders around the world and inside herself.

■ **KEYWORDS:** Portuguese contemporary fiction. Identity. Seta despedida. Maria Judite de Carvalho.

REFERÊNCIAS

BUESCU, H. C. Somos todos *Homines Sacri*: uma leitura agambiana de Maria Judite de Carvalho. In: DUARTE, L. P. (Org). **De Orfeu e de Perséfone**: morte e literatura. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Belo Horizonte, MG: Ed. PUC Minas, 2008. p. 209-213.

CARVALHO, M. J. **Seta despedida**. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1995.

ESTEVES, J. M. C. Seta despedida de Maria Judite de Carvalho: uma forma abreviada sobre a dificuldade de viver. **Le Cahiers du CREPAL**, Paris, n. 6, p. 1-8, 1999. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/investigacao-catedras-ic/catedra-lindley-cintra-paris-ouest-nanterre/1544-1544/file.html>>. Acesso em: 31 ago. 2015.

FARIA, Â. B. C. Tempo de afetividades ameaçadas: a melancolia em Antônio Lobo Antunes e Maria Judite de Carvalho. In: SEMINÁRIO DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: PORTUGAL E ÁFRICA. ENTRE O RISO E A MELANCOLIA, DE GIL VICENTE AO SÉCULO XXI, 3., 2002, Niterói. **Anais...** Niterói: Instituto de Letras da UFF, 2002. 1 CD-ROM.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAGALHÃES, I. A. Aquém e além: espaços estruturantes da identidade portuguesa? In: _____. **O sexo dos textos, e outras leituras**. Lisboa: Caminho, 1994. p. 187-206.

Recebido em 31/08/2015

Aceito para publicação em 13/12/2015



